



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI – UFSJ
Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas - DAUAP
Curso de Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica

ADRIANA APARECIDA DE OLIVEIRA SOARES

MENIR

São João Del Rei

2017

ADRIANA APARECIDA DE OLIVEIRA SOARES

MENIR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Aplicadas, da Universidade Federal de São João Del Rei, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Artes Aplicadas, com ênfase em Cerâmica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciana Beatriz Chagas

São João Del Rei

2017

1. Introdução

Este trabalho tem como finalidade fazer uma instalação artística, ocupando definitivamente os jardins do Laboratório Escola de Cerâmica, da Universidade Federal de São João Del Rei, com esculturas cerâmicas inspiradas nos “Menires”. Menires são monumentos megalíticos, que os povos celtas, montavam em forma de fileiras, círculos ou corredores, ao redor das quais ocorriam homenagens, eventos fúnebres e até sacrifícios humanos”¹.

Assim como persiste até hoje o mistério das pirâmides, os monumentos megalíticos existem há milênios e seus construtores e a finalidade de sua existência são desconhecidos. São tão belos, que levou a nossa civilização a acreditar que se trata de templos e possíveis portais que fazem uma ligação com algo divino.²

Sou amante da natureza e tudo que faz parte dela me deixa fascinada. Então me inspirei nas pedras que possuem formas que muito me atraem, talvez por ter passado algum tempo em um cenário onde elas fazem grande parte e pela região cercada de serras. O objetivo desse trabalho é compor esse espaço com beleza e suavidade, acredito que os menires irão dialogar com o jardim onde serão instalados.

Uma das manifestações artísticas que mais me instigam deste último século são as intervenções artísticas. Esse trabalho trouxe a possibilidade expressar-me artisticamente e deixar registrada a minha passagem por essa instituição como uma aluna que realizou-se como estudante do curso de Artes Aplicadas.

2. Memórias

Durante a disciplina “Laboratório de Criação”, foi proposto aos alunos que fotografassem sobre coisas de seu interesse. Optei por fotografar alguns ambientes da minha cidade natal e em meu percurso rotineiro. Ao fotografar algumas paisagens, causou-me estranhamento o fato de as fotos repetirem quase sempre as mesmas paisagens, ao mesmo tempo que percebi que diversas casas usavam pedras em suas

1 Disponível em: https://hpt.wikipedia.org/wiki/Monumento_megalitico, acesso em 10/12/2015

2 Disponível em: <http://www.infoescola.com/arquitetura/monumentos-megaliticos> acessado em 10/12/2015)

fachadas, calçadas e muros. Ao indagar o motivo do uso desse material, algumas pessoas revelaram que não era somente pela estética, mas também por se tratar de um revestimento forte, durável e principalmente resistente. Utilizavam a pedra para proteger suas residências contra a umidade. Na bíblia sagrada a rocha é mencionada como símbolo de fortaleza.

“Todo aquele, pois que ouve estas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou sua casa sobre a rocha”. (livro Bíblia Sagrada, Mateus cap.7 vr.24)

Observando as fotografias com essas paisagens, comparei-me e identifiquei-me com alguns de seus adjetivos (forte, resistente e protetora). Assim, todas aquelas imagens fizeram com que as lembranças do passado fossem surgindo, então tive um desejo repentino de voltar em um lugar onde passei parte da minha infância, e por coincidência tinha o nome de “pedreiras”, pois havia grandes pedras por onde corria um ribeirão de águas cristalinas.

Chegando lá, vi as pedras naturais sobre as quais as lavadeiras improvisavam tanques e a emoção tomou conta do meu coração. Voltei no tempo em que eu ficava ansiosa esperando as lavadeiras da minha comunidade terminarem seu trabalho que era um ofício muito comum naquela época, devido à falta de acesso às tecnologias que nos auxiliam nos dias de hoje (os tanquinhos e outras máquinas de lavar), e também a falta de água encanada nas residências da comunidade carente onde eu morava.

Lembrei-me das roupas clarinhas que as lavadeiras estendiam para alvejar sobre as pedras; as mesmas pedras que absorviam o calor do sol e por isso nos aqueciam depois de um mergulho, quando deitávamos sobre elas para nos secar. Mesmo muito tempo depois, pude experimentar sentir aquele calor das pedras em minha pele, como se fosse o calor de um abraço que estivesse me acolhendo novamente. Estava radiante por depois de muitos anos ter retornado àquele lugar, onde tive momentos bastantes felizes junto com meus irmãos e alguns amigos. O passado estava tão presente ao olhar o moinho d'água onde era feito o nosso fubá; o barulho das águas; os cantos dos pássaros. Logo mais à frente, estava a casa da minha avó, onde havia uma horta farta, e um fogão a lenha que ficava sempre aceso. Quando eu queria saber se ela estava em casa, bastava

procurar pela fumaça saindo da chaminé. Hoje esse espaço infelizmente foi destruído pelos homens, pela poluição e pela falta de conservação do meio ambiente, restando somente as resistentes pedras do riacho, e minhas doces lembranças de uma infância feliz.

Todos esses cenários harmoniosos, cercados de lindas pedras de vários tamanhos, texturas e cores variadas e o paredão da Serra do Lenheiro, que cerca a minha cidade, inspiraram-me neste meu trabalho artístico, que realizo com muita emoção.



3. JUSTIFICATIVA

Por que pedras?

Todo processo de criação surge a partir de experiências, memórias, imagens que nutrem nosso subconsciente e que de alguma forma vamos selecionando de acordo com nossos gostos vivências. Sendo assim, minhas memórias afetivas em relação àquele lugar levaram-me a prestar atenção nas pedras como elemento inspirador.

Prof. Bruno Amarante apresentou durante as aulas, a sua dissertação de mestrado, que falava sobre Ruínas, e eu, como observadora, pude perceber a relação com tempo presente nas suas esculturas de incríveis belezas rudimentares. Uma fala na explicação dos slides me chamou a atenção, segundo ele “a beleza não está apenas nas formas delicadas, mas pode estar também no rústico, como ruínas, pedras, etc”. Creio que meu inconsciente foi guardando detalhes, tanto que já no momento em que registrei essas imagens aleatoriamente para desenvolver o trabalho proposto na disciplina laboratório de criação, já pude observar que os lugares, objetos, texturas, tudo isso que me fez despertar o desejo de executar algo ligado a esse universo como trabalho plástico para meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Fotografei pedras enfeitando o jardim da estação ferroviária, dentre outras que surgiram no caminho do meu trabalho. Minha sensibilidade começava a formar a idéia de “Menir”.

A fonte da criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver. Todos os conteúdos expressivos na arte, que sejam de obras figurativas ou abstratas, são conteúdos essencialmente vivenciais e existenciais. (OSTROWER,1999,pag.07,4ºp)

Sendo assim, acredito que minhas vivências juvenis, e meu convívio acadêmico com pessoas criativas que compartilharam seus trabalhos e experiências, ajudaram-me a escolher este tema que associado à técnicas aprendidas no curso, e pude colocar em prática minhas ideias de forma agradável e prazerosa.



Fotos do jardim da Estação Ferroviária de São João Del Rei MG

4. Referências Artísticas

Analisando algumas obras da Land Art dos anos 70 (arte da terra), identifiquei-me com esse movimento artístico e alguns artistas desse contexto inspiraram-me no desenvolvimento do meu trabalho. Land art é um movimento onde os artistas apropriam-se dos materiais geralmente encontrados na própria natureza, e suas obras são expostas nos museus por meio de registros fotográficos. Esses artistas como Barbara Hepworth, Robert Smithson, Michael Heizes e Richard Long são os pioneiros do movimento, sendo a natureza o cenário de suas obras de arte.

Segundo Michael Heizes, “a terra é o material de fonte original sendo assim é um material de grande potencial” (referência).

A Plataforma Espiral de Robert Smithson é uma escultura muito grande feita com terraplanagem, e em sua composição havia pedras e areia formando um gigantesco espiral. Da mesma forma, Richard Long utiliza pedras na confecção de suas formosas esculturas que na maiorias das vezes em formas geométrica. Em suas obras paisagistas

os artistas se apropriam das pedras dos próprios lugares onde são encontradas para compor suas obras de arte e após garantem devolve-las para o lugar de origem.



A artista Barbara Hepworth, embora tenha desenvolvido uma longa série de peças abstratas, a maior trajetória de seu trabalho foi envolvida com aspecto subentendido da natureza, que ela trouxe mais expressamente nas escultura em sua carreira posterior.

“Todas minhas esculturas saem da paisagem”, escreveu em 1943.



As pedras mágicas são idênticos poliedros de oito lados, embora seja difícil dizer isso como cada um deles se sentar em lados diferentes. Cada pedra tem uma decoração

única, como incisão ou áreas texturizadas. Hepworth viveu em St. Ives, na Cornualha, e as pedras da pré-história podem tê-la inspirado neste trabalho³.

“Estou cansada de escultura em galerias e fotos com fundo plano, nenhuma escultura realmente vive até voltar a paisagem, as árvores, ao ar e as nuvens”⁴.

Em meu trabalho o que tenho em comum com esses artistas é ter a natureza como fonte de inspiração e uso as pedras como formas de decoração paisagistas. Porém em meu trabalho plástico, não utilizo materiais propriamente encontrados prontos ao natural, retiro-os embora sejam encontrados na natureza eles são transformados por mim antes de ser devolvido para a natureza em forma de esculturas.

A matéria-prima por mim utilizada na confecção das minhas esculturas é a argila, que é composta de minerais resultantes da decomposição de rochas e após modeladas e queimadas voltam a ser rochas novamente compondo o jardim do Laboratório Escola de Cerâmica desta Universidade

5. Trajetória no curso de Artes aplicadas

Durante a minha trajetória como aluna do curso de Artes Aplicadas, tive oportunidade de participar de diversas exposições coletivas, sendo elas muito significativas para meu conhecimento e ao mesmo tempo muito inspiradoras, sendo que as que tiveram mais relevância para meu trabalho foram: Jardim Cerâmico e A Urna da Minha Aldeia.

O jardim cerâmico, idealizado e organizado pelo Prof. Cristiano Lima Sales, foi minha primeira experiência como artista e ceramista pela primeira vez com alguns colegas do curso, pudemos participar de uma instalação artística coletiva ocupando um jardim em um espaço público em frente à igreja de São Francisco de Assis na cidade de São João Del Rei, onde fomos convidados a confeccionar trezentas flores de cerâmica para representar os trezentos anos de completava a minha querida cidade sendo que essa exposição foi na abertura do inverno cultura evento esse de grande importância artístico

³ <https://www.nationalgalleries.org/art-and-artists/300/conversation-magic-stones-1973&prev=search>

⁴ <http://www.theartstory.org/artist-hepworth-barbara.htm> (Acesso em: 02 de abril 2017)

cultural. Essa experiência muito contribui para o desenvolvimento desse meu projeto, pois a realização do mesmo foi prazerosa e o resultado muito satisfatório, porque percebi que esses trabalhos despertou o interesse das pessoas que passavam próximo ao jardim paravam para conhecer um pouco da nossa arte. Segundo professor Cristiano Lima a inspiração para realização desse projeto foi a partir da instalação coletiva realizada em Curitiba ,que ocupou o jardim do Museu Oscar Niemeyer (MON), com o objetivo de contribuir para a formação de publico de arte da cerâmica na cidade além de sensibilizar as pessoas a treinar o olhar para a arte em cerâmica.



A partir do molde de uma pedra foram confeccionadas as pétalas da flor



Jardim cerâmico 1º florada



Jardim cerâmico 2º florada (Museu da Liturgia)

A Urna da Minha Aldeia foi um projeto coordenado pelos professores Cristiano Lima e Zandra Miranda, essa instalação foi realizada em São João Del Rei na Casa da Cultura e posteriormente no jardim do Museu Casa Padre Toledo, na cidade vizinha de Tiradentes. O objetivo desse projeto foi uma manifestação pela diversidade cultural, contudo ceramistas convidados, professores e alunos do Curso foram convidados a confeccionarem as urnas de cerâmicas inspiradas em tribos de tradições milenares. Essas exposições tiveram como principal objetivo uma reflexão sobre os riscos da erosão da cultura de comunidades de ceramistas tradicionais.



Essas vivências fizeram aumentar ainda mais meu desejo de continuar participando e executando esse trabalho e agora pela primeira vez tenho a oportunidade de fazer minha primeira instalação individual ocupando o jardim do LEC (Laboratório Escola Cerâmica).

6. Processo de Criação

Misturar papel de diferentes qualidades nas pastas cerâmicas para diminuir o seu peso é uma técnica muito antiga que ressurgiu nas últimas décadas graças aos ceramistas

artísticos, que a tem utilizado para construir peças grandes e volumosas. É uma técnica simples que permite a utilização de qualquer argila, vermelha, ou branca, pasta de grés ou porcelana. O papel que melhor se comporta o papel de jornal, mas também serve o confetti, placa de cartão, papel de celulose e muitos outros de preferência sem brilho⁵.



papel triturado

papel utilizado



Pasta de papel adicionada á argila em pó



cabeça de touro

⁵ Fonte: Livro cerâmica artística 1ª edição; abril de 2006 pag.106

As técnicas usadas para a confecção do meu trabalho plástico foram as da acordelamentos e placas. O acordelamento consiste em fazer rolinhos com uma massa de argila ,deslizando sobre uma superfície plana usando as duas mãos.e a técnica de placas é abrir a massa de argila com auxílio de um rodo ou de uma plaqueira formando uma massa lisa e uniforme.

A argila utilizada para realizar esse trabalho uma parte foi coletada e processada por mim e outra foi reciclada, em ambas foi adicionado uma pasta de papel úmida, misturada formando uma massa denominada Paper Clay.



Peças em ponto de couro

7. Ferramentas

As ferramentas que um ceramista precisa para trabalhar são muito simples e podem ser confeccionada pelos próprios ceramistas conforme suas necessidades, sendo a mais

importante as próprias mãos. Para aprender a modelar pode afirmar-se que basta estar interessado. Mas é essencial trabalhar descontraído para desenvolver a criatividade, é conveniente dispor de um pequeno espaço onde possa trabalhar com tranqüilidade e tenhas sempre ao alcance todas as ferramentas, para não perder tempo e a concentração.



7.1 Esmaltes à base de cinzas vegetais

Os esmaltes de cinzas além de se revelarem uns vidrados muito econômicos, permeabilizando as peças cerâmicas dando ao mesmo tempo um ótimo acabamento. Os vidrados de cinzas aplicam-se sobre pasta de grés ou porcelana e são considerados de alta temperatura. A cinza costuma atuar como fundente e pode, por si só, constituir o vidrado. A sua composição química varia, dependendo do vegetal e da parte que foi queimada.

Segundo a pesquisadora Vanessa Murakawa (Revista Unesp Ciência, 2013, p.44), o uso de cinzas vegetais na constituição de esmaltes é tradição do oriente, e essa técnica é usada atualmente por ceramistas brasileiros e destaca-se, que além dos efeitos visuais auxilia no desenvolvimento sustentável porque trabalha com a reutilização de cinzas, que são materiais considerados inúteis, por ser restos de um processo de combustão.

Para o processo esmaltação das minhas peças, fiz a escolha pelos “esmalte vulcânicos” e também os esmaltes de cinzas, desenvolvidos por mim com conhecimento adquirido e baseados na receita apresentada durante aulas na disciplina , Formulação e Aplicação de Esmaltes II, ministrada pelo prof. Bruno Amarante.

O esmalte de cinza foi constituído através processo de queima de galhos secos de árvores nativas dessa região (quaresmeira, aroeira e árvore de óleo). Ressaltando que o resultado final, nem sempre será o mesmo, pois depende de diversos fatores. Optei em fazer um teste do resultado da queima de galho dessas árvores, não somente por motivo estético mais também por elas também fazerem parte da minha história, cada uma remete uma lembrança de infância. A quaresmeira solta suas flores principalmente na época da quaresma, que era muito marcante esse período na minha cidade e nas tradições familiares, A aroeira que sempre tinha um aviso que não podíamos nos aproximar, pois causava irritação e alergias e árvores de óleo que sempre era usada como referências de local ou usávamos para amarrar cordas para fazer gangorras (balanço). “Os nomes dados as arvores não é científico mais sim nomes usados pela população local”. Buscar a lenha no mato também era um das funções das donas de casa, nosso alimento muitas fezes era preparado no fogão a lenha talvez seja um dos motivos da minha preferência pela queima a lenha, nos fornos catenários, forno de cupim e no garrafinha.





Teste esmalte de cinzas queima de alta no forno catenário

Esmalte de cinzas:

50 % cinzas vegetal

50 % feldspato

Esmalte vulcânico:

Vulcânico 1 (alteração do 194 Bruno)

Feldspato	30%
Albita	25%
Dolomita	20%
Caulim	15%
Carbeto de Silício	10%



Teste queima de alta no forno catenário



peças biscoitadas (primeira queima)

A inspiração para confecção do forno garrafinha surgiu na aula da professora Dr. Luciana Chagas, na disciplina História do Design, onde o conteúdo proporcionou peculiaridades sobre os fornos que os chineses e japoneses executam para o cozimento de suas peças cerâmicas.

Ao participar de uma oficina de construção de fornos conduzida pelo professor Bruno Amarante, no Museu do Barro onde foi construído um forno, que atualmente encontra-se em atividade, pude então aprender observando os detalhes e explicações do professor onde foi possível adquirir conhecimento para confeccionar meu próprio forno. Como já havia observado os fornos com formato de garrafa durante a referida aula decidi optar pelo forno no formato de garrafa, e coloquei o nome de garrafinha por ser de tamanho muito menor do que eu pude observar.

Pensando no valor para construir um forno e sem condições financeiras, comecei a prestar atenção, em materiais descartados em caçambas e calçadas, ao transitar pela cidade quando ia para o trabalho ou mesmo para faculdade. E quando encontrava algo de meu interesse, entrava em contato com alguém que pudesse fazer o transporte, e assim fui selecionando e armazenando o material necessário para fazer o forno, e comprando o mínimo, ou quase nada para desenvolver meu projeto.

Precisei de aproximadamente 350 tijolos, que foram sobrepostos e organizados no formato de garrafa, amarrando-os, como é feito nas paredes de casas na construção civil como foi feito na oficina que tinha participado. Para massa utilizei argila, areia, serragem e terra vermelha. A primeira camada foi feita com 3 latas de argila seca e triturada, uma lata de areia e uma lata de terra vermelha para compor a massa refratária; e a segunda camada três latas de argila, uma lata de serragem e uma porção de capim picado, que compõe a parte isolante do forno.

Com a execução do meu projeto pude biscoitar algumas peças, inclusive do meu TCC e o resultado foi muito satisfatório, considerando esse mais um processo criativo do meu trabalho.



7.2 Aplicação de esmaltes com técnica de banho

Foram duas técnicas aplicadas no processo de esmaltação das peças, banho e a outra com auxílio de um pincel. A primeira técnica, a peça foi colocada sobre duas réguas de madeira sobre uma bacia, para amparar o esmalte que foi derramado delicadamente sobre as peças como demonstra a foto acima. Nessa técnica exige uma quantidade maior de esmaltes e um controle, porque nessa técnica há dificuldade de controlar o caminho do esmalte sendo assim a camada uniforme do esmalte para evitar gotas e marcas de escorrimentos no resultado final. O resultado pode mudar completamente conforme feita a aplicação do esmalte, quase sempre e necessário uma camada espessa de esmaltes.



Esmaltação (técnica de banho)

Resultado Final:



Fotos das peças queimadas forno catenário (alta temperatura 1280 a 1300)

8. Considerações Finais

No total foram confeccionadas onze esculturas que foram instaladas no jardim do laboratório escola com a finalidade de compor o mesmo, elas foram acomodadas em fila formando círculos. Elegi o jardim por ser um local em que mais vivenciei no meu período acadêmico, além das aulas nas salas em suas dependências, trabalhei como bolsista durante mais ou menos um ano e meio. Por esse motivo sinto como se fosse da minha própria casa, sendo assim o escolhi para deixar registrada a minha passagem nessa instituição.

Em algumas esculturas observei algumas fissuras que considero que, apesar do acaso fazem parte do processo e dialogam com as peças, sendo assim aprendi a respeitar os materiais e os quatro elementos da natureza (terra, água, fogo e ar).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força, coragem e direcionamento.

À minha família por ser minha base, estrutura e minha fonte de inspiração para lutar pelos meus ideais.

A minha professora e orientadora, Dra. Luciana Beatriz Chagas, pela paciência, dedicação e profissionalismo que conduziu me na execução desse trabalho.

Aos meus amigos que ajudaram-me diretamente e indiretamente, confiando em meu potencial, em especial a Jose Luis (Zé coelho), Geraldo Luiz Nascimento e Sérgio Abdalla, que sempre me incentivaram e apoiaram essa minha caminhada.

Aos meus mestres pela dedicação, carinho, respeito, paciência e pelos ensinamentos que apresentaram durante todo o curso.

E a todos que de certa forma, desejam e torcem pelo meu sucesso.

A pedra

**O distraído, nela tropeçou,
o bruto a usou como projétil,
o empreendedor, usando-a construiu,
o campônio, cansado da lida,
dela fez assento.
Para os meninos foi brinquedo,
Drummond a poetizou,
Davi matou Golias...
Por fim;
o artista concebeu a mais bela escultura.
Em todos os casos,
a diferença não era a pedra.
Mas o homem.**

(Antônio Pereira)

Referências Bibliográficas